



**CORRESPONDÊNCIA JOSÉ LUANDINO VIEIRA - CARLOS
ERVEDOSA: DA LITERATURA DE TESTEMUNHO PARA UMA
HISTÓRIA DA LITERATURA ANGOLANA MODERNA**

*JOSÉ LUANDINO VIEIRA - CARLOS ERVEDOSA CORRESPONDENCE:
FROM TESTIMONIAL LITERATURE TO ONE HISTORY OF MODERN
ANGOLAN LITERATURE*

*CORRESPONDENCIA JOSÉ LUANDINO VIEIRA - CARLOS ERVEDOSA:
DEL TESTIMONIO PARA UNA HISTORIA DE LA LITERATURA
ANGOLEÑA MODERNA*

Ana T. Rocha¹

RESUMO

Durante os conturbados anos de luta pela independência em Angola, o ativismo político não existiu separado do engajamento cultural e literário. A literatura foi um elemento impulsionador de ação para a resistência e ativismo anticolonial em Portugal e nos países africanos. A urgência de liberdade e a luta pelo reconhecimento identitário propalou uma agitação cultural com focos em Luanda e em Lisboa, que foram basilares para a construção e a sedimentação do sistema literário angolano moderno. Um dos grandes agentes dessas operações foi a Casa dos Estudantes do Império com as suas atividades culturais e sociais e as suas publicações. Carlos Ervedosa foi uma figura central das produções da Casa e outras, como a *Colecção de Autores Ultramarinos* ou a secção literária do jornal *Província de Angola*. Por seu turno, José Luandino Vieira, ainda que preso em Luanda e, mais tarde, no Campo de Concentração de Chão Bom, no Tarrafal, acompanhou a situação cultural e literária e colaborou através da correspondência que trocava com Carlos Ervedosa, ou por mediação da esposa. Essas cartas revelam a reflexão destes jovens acerca do sistema ou “campo” (Bourdieu) literário angolano, sua História, composição e consolidação. Neste artigo, iremos analisar os conteúdos dessa correspondência, disponível no livro *Papéis da prisão*, de José Luandino Vieira, e no volume a ele dedicado, organizado por Michel Laban. As relações entre testemunho, literatura de testemunho, ficção, fonte historiográfica, História e História da literatura serão problematizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Cartas, José Luandino Vieira, Carlos Ervedosa, Testemunho, História, História da literatura angolana.

1 Membro colaborador do Centro de Literatura Portuguesa (CLP) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Membro do Regional Advisory Committee do Global Council for Anthropological Linguistics (GLOCAL) da School of Oriental and African Studies (SOAS).

E-mail: ana.t.rocha26@gmail.com



ABSTRACT

During the troubled years of Angola's freedom fight, the political activism did not exist apart from cultural and literary engagement. Literature was a driving element of action for anti-colonial resistance and activism in Portugal and in the African countries. The urgency of freedom and the struggle for identity recognition has propagated a cultural agitation mainly in Luanda and in Lisbon that was fundamental for the construction and sedimentation of the modern Angolan literary system. One of the great agents of these operations was the Casa dos Estudantes do Império with its cultural and social activities and publications. Carlos Ervedosa was a central figure in the productions of the Casa and many others, such as Coleção de Autores Ultramarinos or the literary section of the newspaper "Província de Angola". José Luandino Vieira, on his side, although imprisoned in Luanda and, later, in the Concentration Camp of Chão Bom, in Tarrafal, followed the cultural and literary situation and collaborated through the correspondence he exchanged with Carlos Ervedosa, or through the mediation of his wife. Those letters reveal the thoughts of these young people on Angolan literary system or literary "field" (Bourdieu), its History, composition and consolidation. In this article, we will analyze the contents contained in the correspondence available in José Luandino Vieira's book Papéis da prisão, and in the book dedicated to him, edited by Michel Laban. The relationship between testimony, testimonial literature, fiction, historiographical source, History and History of literature will be problematized.

KEYWORDS: Letters, José Luandino Vieira, Carlos Ervedosa, Testimony, History, History of Angolan literature.

RESUMEN

Durante los turbulentos años de la lucha por la independencia de Angola, el activismo político no existía de forma separada del compromiso cultural y literario. La literatura fue un elemento impulsor de acción para la resistencia y el activismo anticolonial en Portugal y en los países africanos. La urgencia de libertad y la lucha por el reconocimiento de la identidad propagó una agitación cultural especialmente en Luanda y Lisboa que fue fundamental para la construcción y la sedimentación del moderno sistema literario angoleño. Uno de los grandes agentes de estas operaciones fue la Casa dos Estudantes do Império con sus actividades culturales y sociales y sus publicaciones. Carlos Ervedosa fue una figura central de las producciones de la Casa y otras más, como la Coleção de Autores Ultramarinos o la sección literaria del periódico "Província de Angola". Por su parte, José Luandino Vieira, aunque encarcelado en Luanda y, posteriormente, en el campo de concentración de Chão Bom, en Tarrafal, estuvo atento a la situación cultural y literaria y colaboró a través de la correspondencia que intercambió con Carlos Ervedosa, o por mediación de su esposa. Estas cartas revelan la reflexión de estos jóvenes sobre el sistema o "campo" (Bourdieu) literario angoleño, su Historia, composición y consolidación. En este artículo analizaremos los asuntos contenidos en la correspondencia disponible en el libro Papéis da prisão, de José Luandino Vieira, y en el volumen dedicado al escritor, organizado por Michel Laban. Las relaciones entre testimonio, literatura testimonial, ficción, fuente historiográfica, Historia y Historia de la literatura serán problematizadas.

PALABRAS-CLAVE: Cartas, José Luandino Vieira, Carlos Ervedosa, Testimonio, Historia, Historia de la literatura angoleña.

Entre os anos quarenta e setenta do século XX, as atividades destinadas à promoção e à divulgação da literatura angolana foram várias, diversificadas e concentraram-se essencialmente na cidade de Luanda e em Lisboa. De grupos e organizações como o MUD Juvenil (Movimento de Unidade Democrática) ou o Clube Marítimo, passando pela Casa dos Estudantes do Império (doravante CEI) e o seu boletim *Mensagem*, em Lisboa, até aos jornais, boletins e agrupamentos culturais e desportivos de Luanda, a juventude angolana, engajada política e culturalmente, foi incansável na produção e organização de material e eventos destinados à celebração e à afirmação da literatura, da cultura e das artes africanas. Todo esse material produzido, organizado e publicado por esses jovens combativos e, em alguns casos, mais tarde, combatentes, é essencial para a História da literatura da nação e para a História do país e da sua luta de libertação.

Na atualidade, nas áreas de investigação dedicadas à literatura e à História angolanas, tem-se manifestado o desejo, o interesse e a necessidade de acessar e consultar os documentos testemunhais desse trabalho executado pelos grupos culturais e literários do século XX, como, por exemplo, os jornais e as revistas da época. Além da notória carência de reedições, nomeadamente, dos números publicados pela “Coleção de Autores Ultramarinos”, e de muitos outros textos literários, ensaísticos, filosóficos e, mesmo, de discursos (mais ou menos) oficiais, carece-se de iniciativas e de apoio a projetos preponderantes e sólidos, dedicados à pesquisa, à análise e ao uso do material guardado em arquivos e acervos pessoais, que testemunha, narra e reflete momentos, episódios e aspetos do passado e da movimentação cultural vivida durante esses anos de sedimentação do sistema literário nacional angolano moderno.

É de salientar o papel da Associação Tchiweka de Documentação (Luanda), que, com as suas publicações e o seu trabalho de arquivo, muito tem ajudado aqueles e aquelas que dele se servem para consulta, divulgação ou produção, como são os casos dos trabalhos do grupo angolano “Geração 80”, dos quais podemos referir, a título de exemplo, o importante documentário *Independência. Esta é a nossa memória* (2015), realizado por Mário Bastos e produzido por Paulo Lara e Jorge Cohen. Destaca-se, igualmente, o trabalho da Fundação Dr. António Agostinho Neto (FAAN), que tem feito publicações dedicadas ao primeiro presidente de Angola, seu percurso político e poético. Editou mesmo cinco grossos volumes (2011) relativos ao seu arquivo da PIDE (Policia Internacional e de Defesa do Estado) e a correspondência trocada entre o poeta, aquando das suas prisões, e a sua esposa (2016), também ela escritora e poeta, Maria Eugénia Neto, cujas memórias foram, igualmente publicadas pela FAAN (2020). Para além destes, a FAAN publicou ainda os *Farrapos de memória (Angola-Portugal)* (2019), de Antero Abreu, e um volume com o importante testemunho do acervo fotográfico da fotógrafa italiana Augusta Conchiglia (2019), que, apesar de destacar a figura de Neto, contem icónicas fotos da guerrilha, recentemente expostas (de 22 de julho a 31 de dezembro de 2021), no Museu do Aljube – Resistência e Liberdade (Lisboa), na exposição “Augusta Conchiglia nos Trilhos da Frente Leste – Imagens (e Sons) da Luta de Libertação em Angola”.

Na área da literatura e dos estudos literários, têm sido levadas a cabo algumas iniciativas no sentido de recolher, estudar e publicar material literário, disperso em arquivos e acervos, valioso para a literatura do país, para a História da nação e da sua literatura. São os casos, por exemplo, do volume de 2015, *Papéis da prisão. Apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)* (doravante *Papéis*), de José Luandino Vieira, (organizado pelo autor em parceria com um grupo de investigadores formado por Margarida Calafate Ribeiro e Mónica V. Silva, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, e Roberto Vecchi, da Universidade de Bolonha), e da antologia de 2007, *Bordejando a margem. Poesia escrita por mulheres. Uma recolha do Jornal de Angola (1954-1961)*, organizada por Laura Cavalcante Padilha. São trabalhos que continuam o importante esforço desse exercício de recolha e de divulgação iniciado por nomes como Manuel Ferreira, que, entre outros exemplos, organizou os dois volumes *Mensagem. Boletim da Casa dos Estudantes do Império* (1996); porém, muitas recolhas, seleções, análises e publicações estão ainda por fazer.

Em Portugal, certas editoras, como a Biblioteca de Editores Independentes, têm feito um trabalho de publicação de alguns clássicos angolanos e outros, como Castro Soromenho, Uanhenga Xitu e discursos importantes de Amílcar Cabral. Em 2015, o semanário *Sol* e a União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA) publicaram 22 volumes fac-símile da “Coleção de Autores Ultramarinos”. A editora Nóssomos (que agora se mantém ativa apenas em Luanda, tendo encerrado a sua atividade em Portugal, em Vila Nova de Cerveira), inaugurou em 2011 um importantíssimo trabalho de reedição dos nacionalistas angolanos, de divulgação de novos nomes e de promoção de muitos autores e autoras.

Em Angola, algumas iniciativas de reedição dos já, por muitos e muitas, considerados clássicos da literatura angolana, têm sido levadas a cabo, nomeadamente através do projeto “Ler Angola” (um programa da responsabilidade do Gabinete de Revitalização e Execução da Comunicação Institucional e Marketing da Administração – GRECIMA), que contou com cinco edições de coleções compostas, cada uma delas, por 11 livros, aludindo à data da independência (11 de novembro), e que incluiu, além das três coleções de clássicos, uma coleção de literatura infantil e outra de jovens escritores e escritoras de Angola².

O nosso objeto, os *Papéis*, de José Luandino Vieira, veio confirmar a riqueza literária, informativa e representativa encerrada em acervos de testemunhas e agentes desses anos e acontecimentos. Recorreremos aqui aos *Papéis*, selecionando deles a correspondência trocada entre o seu autor e Carlos Ervedosa. Completaremos o *corpus* com as cartas reveladas por este último, no volume *Luandino. José Luandino Vieira e a sua obra (Estudos. Testemunhos. Entrevistas)* (1980), organizado por Michel Laban. A nossa opção pela correspondência

² Informação disponível em: https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/11-CI%C3%A1ssicos-Da-Literatura-Angolana/68256133.html?fbclid=IwAR2KK8jvj2Jihq0r2g5KUGYouYoLGZ1_LSGeQbONVFjillga3wfYJ6SI0XU (consultado a 12. 05. 2022).

prende-se com o facto de essa expor de forma mais evidente o diálogo que existia entre estes jovens promotores da *ebulição* cultural e literária da altura, bem como as suas reflexões acerca do tema, que revelavam a perfeita consciência que tinham da importância histórica do trabalho que realizavam e do momento marcante que experienciavam.

Estes jovens nacionalistas tiveram a preponderância que Pierre Bourdieu reconhece aos “recém-chegados heréticos” que rompem com as normas e convenções pré-estabelecidas e mil vezes repetidas na escrita, trazendo novos valores e reformulando o “capital simbólico” daquilo a que o sociólogo francês chama de “campo” literário” (BOURDIEU, 1996, p. 285). Essa rutura – explica Bourdieu – será tão mais bem sucedida quanto mais adequada a ela forem as “mudanças externas”, que, simultaneamente, acontecem:

as mais decisivas dessas mudanças são as rupturas políticas que, como as crises revolucionárias, mudam as relações de força no seio do campo (...), ou o aparecimento de novas categorias de consumidores que, estando em afinidade com os novos produtores, asseguram o sucesso de seus produtos (BOURDIEU, 1996, p. 285).

Era precisamente este o cenário em que atuavam os nossos agentes.

A importância fundamental de Luandino Vieira para a literatura angolana é reconhecida, quer enquanto escritor, quer enquanto editor e membro fundador (e, também, primeiro diretor) da União dos Escritores Angolanos e da Academia Angolana de Letras. Tomaremos, então, aqui, um pouco mais de espaço para lembrar as atividades e tarefas importantíssimas que, atrás de cena, também desempenhou Carlos Ervedosa, revisitando o papel crucial deste intelectual na consolidação do sistema literário angolano, naquela época de atividade da CEI.

Carlos Ervedosa (1932, Luanda, Angola - 1992, Sabrosa, Portugal) foi uma figura basilar para a afirmação do sistema literário angolano. Homem de cultura, agente literário e cultural, foi igualmente cientista, geólogo e arqueólogo, fundador da Unidade de Arqueologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)³.

Além do seu engajamento cultural e político, Carlos Ervedosa pensou na História, no futuro do país e no que, depois de alcançada a independência de Angola, seria necessário fazer em prol da nova nação. Foi nesse sentido que o arqueólogo e os da sua geração foram guardando cartas, papéis, bilhetes e documentos que pudessem, um dia mais tarde, servir para melhor contar a verdade acerca daqueles tempos de luta, censura e opressão, mas também de muita produção literária:

³ Informações biográficas disponíveis na contracapa do livro *Roteiro da literatura angolana*, de Carlos Ervedosa (edições 70, 1979) e em [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$carlos-ervedosa](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$carlos-ervedosa) (consultado a 7. 04. 2022).

Começámos a guardar as cartas que nos chegavam do Tarrafal. Aliás, andávamos todos, há já alguns anos, a guardar desenhos, poemas, contos e outros escritos, uns dos outros, impublicáveis nesse tempo, formando os nossos «arquivos implacáveis», como então lhes chamávamos, cientes de que estávamos já a viver um importante acontecimento histórico (ERVEDOSA, 1980, 94).

Poucas vezes referido, Carlos Ervedosa teve, na realidade, um papel de máxima importância na História da literatura angolana, nomeadamente enquanto Presidente da Direção e da Assembleia Geral da CEI, enquanto Diretor da sua Secção Cultural e Editorial, a partir de 1958, e do famoso boletim *Mensagem*, acompanhado de muitos outros escritores angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos e são-tomenses. Retomando os termos de Bourdieu, Carlos Ervedosa ajudou ao sucesso das “lutas internas” do “campo literário”, atuando no “exterior”, isto é, promovendo novos espaços de divulgação, publicação e o reconhecimento de um público leitor (BOURDIEU, 1996, p. 285). Estes atores do “campo externo” eram “dotados de disposições e de gostos ajustados aos produtos que eles [produtores, escritores] lhes oferecem” (BOURDIEU, 1996, p. 285). No caso, não se tratava apenas de uma afinidade de gosto literário, mas também de camaradagem política necessária à subversão do poder dominante, que, como tal, dominava o “capital simbólico” do “campo literário” da época. A certeza na vitória da luta pela independência, tantas vezes anunciada, por exemplo, na poesia do líder Agostinho Neto, repercutia-se na certeza da concretização desta rutura literária, uma “ruptura profética” (BOURDIEU, 1996 p. 86).

Carlos Ervedosa foi membro do grupo angolano *Cultura II*, do qual fizeram parte também Luandino Vieira, António Cardoso, Arnaldo Santos, Amélia Veiga, Costa Andrade, entre outros. Dirigiu a página “Artes e letras” do jornal *A província de Angola* (1969-1975), que publicava crítica literária relativa à produção nacional e onde já colaboravam nomes bem conhecidos da área, como Pires Laranjeira, tal como Carlos Ervedosa fez questão de apontar no seu *Roteiro da literatura angolana*:

Deveu-se à criação de uma página semanal de literatura e arte no jornal *A Província de Angola*, página desde logo marcada por uma feição nacionalista, tanto quanto lho permitiram os serviços de censura prévia à imprensa, o reavivar da actividade literária em Angola nos princípios da década de 70. Por ela passaram uma série de novos escritores (...); dois críticos literários, Felipe Neiva e Pires Laranjeira (ERVEDOSA, 1979, 149).

Carlos Ervedosa criou, ainda, e dirigiu, juntamente com Costa Andrade, a *Coleção de Autores Ultramarinos* e deixou dois trabalhos fundamentais para a História da Literatura Angolana, o ensaio “A literatura angolana – resenha histórica” (1963) e o livro *Roteiro da literatura angolana* (1974), além de outras publicações como *Saudades de Luanda* (1986) e *Era no tempo das acácias floridas* (1989). Foi um dinamizador cultural por excelência e um dos grandes atores da fortificação do sistema literário angolano.

Aliada a esta faceta está a do homem geólogo e arqueólogo de formação e de profissão, dedicado ao conhecimento do passado e consciente da importância da narração desse para a construção do futuro. Estes dois lados do mesmo sujeito motivaram a existência dos “arquivos implacáveis”, cuja consulta se torna cada vez mais importante e urgente, num tempo em que, nos vários espaços de língua portuguesa, se debatem temas fundamentais daquilo que é o sistema literário de um país: a redação de uma História da Literatura, o seu cânone literário e o ensino da literatura nos vários níveis de escolaridade em Angola e no estrangeiro.

A discussão destes pontos passa, forçosamente, pela consulta de arquivos e acervos pessoais, mas pode passar, igualmente, por um olhar renovado sobre o material já existente em livro, em revista ou jornal. É o que se pretende fazer aqui recorrendo às cartas disponibilizadas por Carlos Ervedosa, no já citado volume, e nos *Papéis*, de Luandino.

Todas as colaborações de José Luandino Vieira com o boletim *Mensagem* aconteceram graças a esta rede de correspondência com Carlos Ervedosa que se realizava por duas vias: uma via clandestina, cuja ponte era a esposa de Luandino, Linda, e a via normal, que implicava a passagem das cartas pela censura da prisão e do campo de concentração (VIEIRA, 2015, p. 1046). Era necessário recorrer a esta estratégia de multiplicação dos canais de transmissão e de comunicação de modo a contornar apreensões de material, como se pode depreender pela entrada de 28 de janeiro de 1963, nos *Papéis*: “Hoje na visita vou-lhe falar no conto, penso que o melhor é mandar já a versão e a K.⁴ tirar uma cópia à maquina, sem data, porque se a correspondência para o Carlos for apanhada...” (VIEIRA, 2015, 116) (sublinhado nosso).

Durante anos, Linda garantiu a comunicação entre os dois amigos, pois a correspondência para o campo de concentração era limitada aos familiares. Face a esta imposição, Luandino e Ervedosa chegaram mesmo a encenar uma relação de primos:

7-5-1965

(...)

Meu caro primo Zé

Acabo de receber a tua carta e aproveito estes momentos, após o almoço, para te escrever (...)

Meu caro, vais desculpar esta brevidade, mas no momento não me posso alargar mais e aliás é quase tudo de importante que haveria a dizer. Como vai o Cardoso? Um abraço ao Jacinto e outro para ti do primo Carlos (ERVEDOSA, 2015, p. 656).

4 “K.” é a inicial do nome pelo qual Luandino tratava Linda.

Entre os desabafos e os abraços enviados aos amigos, podemos encontrar, nas cartas, muitos tópicos de conversa relativos à literatura angolana, à obra de Luandino, à análise das obras de outros/as escritores/as, às atividades culturais e literárias, de publicação e de edição que realizavam na CEI e, também, passagens que revelam a preocupação com a própria fixação da História da literatura angolana e com a delimitação do “campo literário” que se queria impor enquanto um “campo” novo e um “campo” outro, independente da literatura portuguesa, da literatura colonial e de outras de língua portuguesa, como a literatura brasileira da qual recebiam bastante influência. Mais do que serem “os heróis fundadores” e proféticos de uma renovação, este grupo pretendia a criação de algo novo, cujo “polo simbólico” se fundamentasse nos valores e gostos do espaço e cultura de Angola. Esta atitude criativa e fundadora é o que distingue os “produtores” fundadores dos elementos secundários, como acabou por ser, por exemplo, Geraldo Bessa-Victor, como explicou Luandino, por carta, a Ervedosa:

O do Bessa Victor é para esquecer: nesta situação e perante os reais e agudos problemas nossos, já me enojam aquelas lamechices. Desculpa, meu velho, mas a situação extrema-nos. A época daquela poesia já passou há muito (VIEIRA, 1980, p. 96).

Outro exemplo – e ainda segundo Luandino e a correspondência com Ervedosa – poderá ser M. António, que terá cedido à “repressão simbólica”, facto que dificulta, ainda hoje, a receção da sua obra no país de origem e, conseqüentemente, no estrangeiro:

o «Farra...», do Mário, vem mostrar-me o seu muito grande domínio do ofício. Quanto a mim, só é pena que ele queira fazer de ideias personagens e tudo resulte muito intelectual, pouco vivo. As suas personagens são as diversas vozes que tem dentro dele, o mundo real pouco lhe deu (VIEIRA, 1980, p. 96) (sublinhado nosso).

A intelectualização da literatura de M. António afastava o escritor do grupo nacionalista, concentrado em transmitir para a literatura o “mundo real” angolano. No entanto, é importante referir que Luandino Vieira publicou M. António na sua editora, Nóssomos, e aí lembrou, no espaço destinado à nota do editor, a importância de M. António para a literatura angolana (VIEIRA, 2012, p. 7).

A grande parte da obra literária de Luandino foi escrita em clausura. Nas prisões de Luanda e no Tarrafal, escrever era uma atividade dificultada pela censura, pelas revistas às celas, pelo isolamento, que afetava psicologicamente o preso, e pela escassez de materiais, que condicionava as possibilidades da tarefa.

Pese embora esses condicionalismos, Luandino esteve preso com vários camaradas escritores, como António Jacinto, António Cardoso, Manuel Pedro Pacavira, Uanhenga Xitu, entre outros, com os quais podia conversar sobre literatura, e, paralelamente, o contacto com os amigos Carlos Ervedosa e Fernando Costa Andrade permitiam-lhe a continuidade do trabalho

literário fora da prisão. Essa camaradagem resultou não só em publicações, mas mesmo na atribuição de importantes prêmios literários a Luandino Vieira, como o Grande Prêmio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores (doravante S.P.E.). No exterior, era precisamente Carlos Ervedosa que, por carta, incentivava o amigo à participação no concurso:

Quanto à S.P.E., há toda a conveniência em que mandes, a proposta, uma vez que só podem concorrer os seus associados. A S.P.E. é uma Sociedade Portuguesa de Escritores, de quem podem ser filiados quaisquer escritores (tb tem brasileiros), pois não se trata duma sociedade de escritores portugueses metropolitanos exclusivamente (ERVEDOSA, 2015, p. 656).

Mas Ervedosa não estava só. Havia toda uma rede de camaradagem que se organizava para que a literatura angolana ganhasse espaço, visibilidade e as questões que ela trazia fossem lidas:

Quanto ao prêmio da S.P.E. 50.000\$00, «Grande Prêmio da Novelística e Conto», é de 2 em 2 anos, e não podem concorrer livros que sejam reedições. Por isso encarreguei a Ruthe de ir falar com o Pinheiro Torres, para saber se ainda podia entregar os «Luuanda» para o concurso deste ano. Segundo o Manuel Ferreira, só há uma obra de Fernando Namora que poderá enfrentar, portanto é de tentar (ERVEDOSA, 2015, p. 657).

Não era, portanto, apenas o “polo simbólico” que estava a ser sedimentado. Carlos Ervedosa, Costa Andrade, e outros, empenhavam-se em complementar a componente “externa” que podia manter e garantir a estrutura do “campo” e seu funcionamento no futuro.

O Prêmio da S.P.E. de 1965 foi mesmo atribuído a Luandino e essa premiação causou grande polémica e contestação por parte de elementos coniventes com o governo salazarista, não só em Portugal, como em Angola e Moçambique, culminando em atitudes drásticas, como o encerramento da CEI, o assalto à sede da S.P.E., a detenção dos elementos constituintes do júri do Grande Prêmio de Novelística pela polícia política portuguesa (PIDE) e uma difamação feroz de José Luandino Vieira:

este caso assumia contornos de verdadeira campanha: contra a S.P.E. e o júri, naturalmente, mas sobretudo contra – e esse aspeto é quase sempre secundarizado ou ignorado – José Luandino Vieira, isolado em Santiago de Cabo Verde, onde cumpria uma longa pena de prisão (TOPA, 2014: 8).

Na prisão, Luandino ia recebendo informações sobre o assunto: “Cumprimentos a todos os amigos. Cá recebi da Linda a petição de recurso da SPE e fico aguardando o resultado – e a possibilidade de receber o prêmio” (VIEIRA, 1980, p. 95).

Esta polémica acabou por incentivar ainda mais a comparação entre Luandino e M. António, pois este último (e também Geraldo Bessa-Victor) participou num debate televisivo dedicado à premiação do primeiro, no qual não defende o mérito do colega. Na época, M.

António e Luandino eram os nomes mais promissores da prosa angolana, o que terá criado mesmo, na ótica de Ervedosa, alguma rivalidade:

O Mário António sempre publicou a «Crónica», na Agência Geral do Ultramar, colecção UNIDADE. Falei com ele por telefone. Parece-me que está cada vez mais parvo, embora insista que se mantém «coerente». Constatei, admirado, que cada vez te grama menos. Compreende-se, para a sua vaidadezinha, tu és uma nuvem que lhe ensombra a paisagem. Era muito bom que ele fosse o único, ou pelo menos o melhor escritor angolano. Mas a crítica responsável diz que tu és o primeiro, o melhor, etc. etc. e isso dói-lhe muito. E quanto mais subires maior inveja e despeito vai sentindo. Ele diz que tem um outro livro para publicar, não sei se poesia, se ficção: «Rosto de Europa». Perguntei-lhe se já sentia saudades de Angola, respondeu-me: «Eu ainda estou lá...». Mas deixemo-lo... (ERVEDOSA, 2015, p. 656).

Mas, para Luandino, este caminho paralelo era fonte de estímulo e reflexão, e encarado como sinal claro de que o “campo” se estava a consolidar:

Pois considero, de certo ponto de vista, este livro do M. António como o melhor livro da literatura. Tem paginas de antologia – a qualquer nível de literaturas em língua portuguesa (o elogio da amizade, por exemplo). E para a situar mais «religiosamente» sempre afirmo que, dentro do que no continente se fez já e se vai fazendo, só ele pode ombrear com o que os outros já conseguiram. A via não é original (penso nos contos do Amadou Koumba, do Diop) mas é uma das muitas que importa explorar – e ele fê-lo com uma maestria e maturidade que é uma beleza. Muito mais teria para dizer deste livro do Mário. Mas só iria com certeza de encontro [*sic*] ao que tu mesmo pensas (VIEIRA, 1980, p.102).

Estes parágrafos comprovam a reflexão e crítica que acontecia e o modo como Luandino estava perfeitamente consciente do trabalho literário que desenvolvia, da importância desse e dos seus pares para a formação do *corpus* da literatura nacional. Este tema unia-o, uma vez mais, ao seu fictício primo, cujo desejo de publicar antologias de poesia angolana ia concretizando e partilhando com Luandino. Na correspondência trocada entre ambos, nota-se o modo como Ervedosa se preocupava, fundamentalmente, com a fixação dos autores e autoras e com a integração do maior número de contribuições na literatura angolana, foco que veio a culminar na redação do seu importante *Roteiro da literatura angolana*, intitulado numa primeira edição de *Itinerário da literatura angolana*, mas cujo conteúdo é fruto de um trabalho inaugural, datado de 1963, o seu ensaio “A literatura angolana – resenha histórica”, que Luandino leu na prisão e elogiou bastante nos seus *Papéis*:

O livro do Carlos merece ser divulgado. Tira as teias de aranha a muita gente e a muitas coisas quanto a mim só tem um defeito: não ter mantido o tom sereno e objectivo nas ultimas paginas, deixando transparecer um lirismo na apreciação dos grupos de 1950 e 1057. E uma adjectivação «excessiva», de valor, que só o tempo poderá dar... (VIEIRA, 2015, p. 349).

Esta cautela e contenção de Luandino também se verifica na sua identidade de editor, mais comedido do que o seu “primo” antologador. Se por seu lado, Ervedosa via importância (e essa é inegável) nas antologias, Luandino procurava mais calma, tempo e, sobretudo, e bem ao seu jeito, menos pompa :

O fim da tua carta, falando de uma nova antologia de poesia a editar pela Casa, fez-me sorrir. É que meu caro Carlos, eu acho que isso é um desperdício da própria poesia, uma inflação de antologias. A não ser que apresentem poemas novos o que me custa muito a acreditar. Mas espero então o exemplar que não deixarás de me enviar para ler o estudo do Alfredo⁵ (VIEIRA, 2015, p. 658).

Enquanto Ervedosa partilhava entusiasmado que “A C.E.I. vai editar uma nova antologia, monumental, de Poesia Angolana, mas ainda copiografada. O prefácio é do Alfredo, e é do melhor que se fez até hoje” (2015, p. 657), Luandino mostrava já a simplicidade que o caracteriza enquanto editor, como se pode depreender também pelas publicações da Nóssomos – uma editora de livros pequenos, simples e perfeitamente acessíveis a qualquer público. A Nóssomos foi uma ideia que Luandino teve já na prisão, em 63, e que, à data, seria mesmo para ceder ao “primo Carlos”: 24-6-63 (...) Nóssomos. Uma bela ideia antiga para o Carlos...” (VIEIRA, 2015, p. 338).

Nestes diálogos, é possível ver o confronto de ideias e valores que separam os dois polos do “campo” literário, o valor simbólico e o externo, isto é, o do produtor e o do editor. O primeiro preocupa-se, essencialmente, com a identidade e os valores, e o segundo concentra-se na circulação e na composição de todo o sistema, com os seus produtores, distribuidores e leitores, que, à época, eram, essencialmente, os pares, os assimilados e os portugueses. É graças à postura de Ervedosa e de outras pessoas com as mesmas ambições, como Manuel Ferreira, por exemplo, que se preocupavam em levar a cabo recolhas abrangentes de autores/as, que se torna mais fácil, hoje, conhecer os nomes ditos secundários, e outros, da literatura nacional angolana.

As cartas testemunham o modo como a temática em torno da componente simbólica era uma constante. Mas além do valor destas cartas para a literatura angolana, qual é o seu valor para a História de Angola? Sendo elas provenientes de um contexto tão particular, de que modo podem ser representativas de um período histórico? Até que ponto podem ser tomadas como fonte, visto tratarem de um tipo de “escrita do eu” e não de um documento oficial ou de uma representação mais geral, como um postal de férias de um destino balnear da moda ou uma caderneta da escola?

Lidamos aqui com material absolutamente singular, escrito em espaços movidos por microsistemas (prisional e concentracionário) afastados do sistema social da vida em liberdade e pela pena de dois homens *extra-ordinários* a vários níveis, no domínio da cultura, do

5 Refere-se a Alfredo Margarido.

conhecimento, do talento e do engajamento. As perguntas que devemos colocar são as seguintes: quais as possibilidades de ficção nestas cartas?; quais as possibilidades desse material poder servir de documento e fonte, mesmo sabendo das possibilidades de autoficção naquelas linhas? e qual é a exequibilidade da leitura da realidade na ficção?

Não é difícil encontrar, nas cartas, representações do “mundo real” dos anos de luta de libertação, nomeadamente, no que concerne às implicações da adesão à causa, como o encarceramento de Luandino, as consequências de uma espécie de desvio pós-adesão, (como é, muitas vezes, encarado o posicionamento de M. António), as dificuldades dentro do meio artístico e cultural, condicionado pela censura, (que moldou espíritos e escolhas, como as de Bessa-Victor), a detenção de apoiantes dos seus adversários, (como fez com o júri do prémio da S.P.E.), entre outros aspetos.

O teste mais delicado na avaliação da carta enquanto fonte prende-se com a atribuição de valor de verdade àquilo que é dito pelos autores e da sua validação enquanto documento histórico, usando-o e, por isso, fazendo-o valer enquanto tal.

Segundo Michel Foucault, uma fonte passa a ser considerada como documento histórico quando é usada por profissionais da História. A História constrói o “documento”, isto segundo uma conceção tradicional. Como afirmou Foucault, “a história é o que transforma os *documentos* em *monumentos*”, significando, aqui, o “monumento” o resultado do trabalho da historiografia. Ou seja, é a História que “faz falar” os objetos que, muitas vezes, não são sequer verbais e que, outras tantas, dizem, talvez, outra coisa diferente do que aquilo que explicam no seu lugar (FOUCAULT, 1969, p. 14) (tradução nossa). A análise e exposição deste mesmo artigo ajuda a converter as cartas em “documento”, uma vez que estão a ser defendidas enquanto reflexos do “mundo real” da época. A publicação deste tipo de trabalhos em suportes reconhecidos como autoridades do conhecimento, como revistas científicas e académicas, é o que auxilia na conversão destes “documentos” em “monumentos” da História, como explicou Foucault.

A carta não é, convencionalmente, tida como prosa ficcional, e tende a reunir mais consensualidade na sua classificação enquanto escrita testemunhal e, em alguns casos, literária; porém, a escrita testemunhal contém em si a possibilidade de ficção. Luandino tinha consciência dessa probabilidade e vigiava-se constantemente para não diminuir ou aumentar o grau de factualidade do que queria dizer: “Isto de viver, falar e ser sempre espectador de mim mesmo, corrigindo e criticando e aplaudindo, não é vaidade? Eu mesmo tiro as conclusões do que digo ou faço – como se fosse outro a ver-me” (VIEIRA, 2015, p. 824). Os diálogos com a esposa e com Carlos Ervedosa ajudavam o escritor a manter o equilíbrio dessa balança da honestidade.

No que concerne aos estudos da carta enquanto literatura testemunhal, o seu valor de verdade foi um dos aspetos mais trabalhados, nomeadamente, pelo inaugurador desses estudos, o crítico francês Jean Norton Cru, que analisou 300 livros escritos por militares da Primeira

Guerra Mundial e privilegiou os testemunhos que ousaram relatar as suas experiências sem ceder à tendência da época de agradar ao público através da repetição da mitificação do combatente heroicizado dos poemas épicos, descrito em parágrafos de exaltação da virilidade, da masculinidade e do patriotismo romantizado, celebrados num tom encomiástico que omite o medo e o terror. Com a publicação do seu segundo livro, intitulado *Du témoignage* (1930), Jean Norton Cru endossou o testemunho como género literário (CRU, s.d., p. 16). Cru analisou-o, considerando-o em cinco tipos de textos diferentes: o diário, as memórias, as reflexões, as cartas e o romance (CRU, s. d., p. 45).

Parte considerável do conteúdo mais íntimo, exposto por Luandino nos *Papéis*, encontra-se nas cartas. Por este motivo, pelos conteúdos que encerram, as cartas são os principais elementos textuais a dar coerência aos *Papéis* e a auxiliar na leitura, na compreensão da sua globalidade, ao contrário do que, segundo Cru, acontecia com os testemunhos que ele analisou, sobretudo, porque essas cartas eram encontradas em antologias, facto que não permitia qualquer sequência de conteúdos, tornando-se num dos exemplos mais fragmentados (CRU, s. d.: 48).

Algumas observações de Cru parecem pouco rigorosas, como quando o crítico afirma podermos acreditar nos sentimentos descritos nas cartas como sendo correspondentes com os que a pessoa sentiu no dia em que escreveu. O livro de Luandino é prova de que uma carta também exige reflexão acerca do que nela se escreve e, por isso, e por motivos, muitas vezes, emocionais, Luandino pausava a escrita da carta e continuava-a no dia seguinte, ou ainda noutro dia, resfriando as emoções (VIEIRA, 2015, p. 168).

Cru buscava obsessivamente a verdade e tomava-a como principal critério que conferia valor literário aos escritos. Em relação às cartas, Cru crê estar perante textos absolutamente espontâneos, impulsivos e impremeditados (CRU, s.d., p. 49). Na realidade, estamos perante um estilo que se move, também, por entre o romance (o romance epistolar) e o diário, como o de Anais Nin, composto por cartas para o pai. Contudo, enquanto que os textos como os romances não fazem apelo nítido e direto a outros textos, esse não é o caso da carta nem do testemunho. A carta apela a outra carta. O testemunho apela à confirmação de outro testemunho, como explicou Paul Ricoeur: “A testemunha é então a pessoa que aceita ser convocada e responder a um chamado eventualmente contraditório” (RICOEUR, 2012, p. 174). Na historiografia, a validação de um documento/testemunho enquanto fonte, tem, entre outros métodos, de passar por essa comparação de fontes/vozes. Quanto mais vezes um dado se vir repetido, mais próximo fica da validação.

No caso, a fonte apela a outra fonte e este equilíbrio, de que Luandino admitia sentir falta na solidão do diário, é o que sustem a carta, como também explicou Michel Foucault ao descrever a função da carta na prática da “cultura de si”:

A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente – aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo – constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...) o serviço de alma prestado pelo escritor ao seu correspondente [é] restituído sob a forma de “conselho equitativo”; à medida que progride, aquele que é orientado vai-se tornando cada vez mais capaz de, por seu turno, dar conselhos; exortar e consolar aquele que tomou a iniciativa de o auxiliar: o sentido único da direção não se mantém por muito tempo; ela serve de quadro de trocas que a levam a tornar-se mais igualitária (FOUCAULT, 1992: 147).

Ao mesmo tempo, toda a literatura de testemunho escrita em circunstâncias extremas, como são as prisões e os campos de concentração, ou decorrentes de acontecimentos dramáticos e traumatizantes, sofrerá, inevitavelmente, as consequências do inconsciente modo do ser humano lidar com o choque, um modo que implica lapsos, esquecimentos, recalcamientos e mesmo fabricações, ficcionalizações. Uma ficcionalização do “eu” que é agravada, no caso dramático, pela dificuldade da assimilação dos acontecimentos, como explicou Theodor Adorno:

Em termos psicológicos, a ausência de medo explica-se pela falta de preparação para o medo diante de um grande choque. A liberdade das testemunhas oculares tem algo de lesionado, aparentado com a apatia. Tal como o corpo, o organismo psíquico está ajustado para vivências de uma ordem de grandeza que corresponde a ele. Se o objeto da experiência aumenta demais em proporção com o indivíduo, este a rigor já não o experimenta mais, mas registra-o de modo imediato, mediante o conceito desprovido de intuição, como algo que lhe é exterior, incomensurável, com o qual se relaciona com tanta frieza quanto o choque catastrófico com ele (ADORNO, 1992, p. 157).

No caso angolano, a ligação entre ficção e história está muito presente na literatura angolana moderna. Escrever prendia-se com contar e denunciar a realidade, e com o cantar de uma outra verdade, o “mundo real”. Assim o defendia Luandino, como declarou na supracitada carta em que criticava a opção de M. António, e assim o explicou Agostinho Neto, no discurso da sessão solene da proclamação da União dos Escritores Angolanos, em Luanda, a 10 de dezembro de 1975:

A literatura em Angola, e podemos estender um pouco mais dizendo a arte em Angola, esteve sempre ao serviço da Revolução (...) nós temos sempre dito que a luta pela libertação nacional não pode desligar-se da luta pela imposição, pelo reconhecimento duma cultura peculiar do nosso povo; o nosso povo tem a sua maneira de ser, tem a sua idiossincrasia, e ela é revelada em muitos factos, em muitos momentos, em muitas manifestações de arte (NETO, 1980, 16).

Conclusão

A presença de factualidade histórica na literatura estava, neste contexto, ligada à luta de libertação enquanto ação de engajamento e de afirmação cultural, que passava pela instalação de um “campo” literário independente e novo, com o seu próprio valor simbólico, um processo que estas cartas integram e refletem.

Esta reflexão e representatividade do real nas cartas não implica uma exclusão ou uma avaliação negligente do valor literário das mesmas. Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi relembram mesmo que é apenas aparente a ausência de literariedade nos *Papéis*: “parece situar-se fora do compromisso estético (...) O projecto político é (...) também literário e é esta coerência patente que lhe confere a peculiaridade da dimensão estética (RIBEIRO e VECCHI, 2015: 23 - 29).

A literariedade e a possibilidade de ficção, por outro lado, também não invalidam o valor de verdade dos fragmentos encontrados nas cartas e que partem de uma verdade subjetiva, de uma perspetiva individual e particular sob a realidade, mas que se querem testemunhais desse elemento exterior que as implicou e que justificou até a sua própria existência, fazendo com que, na sua individualidade, na densa individualidade da carta, essa realidade, esse “campo exterior” e o “mundo real”, estejam contidos. A par da literatura nacionalista, referida por Agostinho Neto na citação supratranscrita, a carta contém “o mundo real” omitido ou deturpado pela literatura que não alinhava com o “valor simbólico” que estes jovens buscavam para o “campo” literário angolano, e, também, nesse sentido de apuramento desse valor, as cartas integram o “campo” literário.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Minima moralia. Reflexões a partir da vida danificada**. São Paulo: Ática, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CRU, Jean Norton. **War books. A study in historical criticism**. Massachusetts: Department of Romantic Languages, 1929. Disponível em: <https://odyssee.univ-amu.fr/items/show/452#?c=0&m=0&s=0&cv=0>

ERVEDOSA, Carlos. **Roteiro da literatura angolana**. Lisboa: Edições 70, 1979.

_____. Cartas do Tarrafal. **Luandino. José Luandino Vieira e a sua obra (Estudos. Testemunhos. Entrevista)**. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 83-103.

FOUCAULT, Michel. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

_____. **O que é um autor**. Lisboa: Vega, 1992.

NETO, Agostinho. **Ainda o meu sonho. Discursos sobre a cultura nacional**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1980.

RIBEIRO, Margarida Calafate e VECCHI, Roberto, Papéis críticos avulsos. **Papéis da Prisão. Apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)**. Alfragide: Caminho, 2015.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2012.

TOPA, Francisco (org.), *Luuanda há 50 anos. Críticas, prémios, protestos e silenciamentos*, Porto: Sombra pela Cintura, 2014.

VIEIRA, José Luandino. Nota do editor. **50 poemas. M. António. Vila Nova de Cerveira: NÓSSOMOS, 2012.**

_____. **Papéis da prisão. Apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)**. Alfragide: Caminho, 2015.